

DIÁRIO DE WASHINGTON

O MAPA DA CULTURA



MARCELO NINIO

O QUE DIRIAM os patriarcas que fundaram os EUA sobre o plano de Donald Trump de barrar a entrada de muçulmanos no país?

Entre os mais de 37 milhões de livros da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, um deles poderia servir neste momento ao histriônico bilionário como lembrete do espírito de liberdade religiosa que está nos alicerces do país que ele quer presidir.

Trata-se de uma cópia do Alcorão, o livro sagrado do islã, que pertencia a Thomas Jefferson. Principal autor da Declaração de Independência (1776) e terceiro presidente dos EUA (1801-09), Jefferson foi um dos mais influentes “founding fathers” (pais fundadores), como são conhecidos os patriarcas na nação. Em 1765, quando era um estudante de direito, comprou uma tradução para o inglês do Alcorão que fazia parte de sua biblioteca de mais de 10 mil livros e de sua crença radical na liberdade religiosa.

CONTRA A CORRENTE

A relação do terceiro presidente americano com o texto sagrado do islã é contada em “Thomas Jefferson’s Qur’an” (o Alcorão de Thomas Jefferson), livro fascinante da historiadora Denise Spellberg.

5

De Jefferson a Trump

O Alcorão e o cheiro de maconha na capital

Era uma época em que a maioria dos americanos já via com desconfiança os muçulmanos, um sentimento importado da Europa, e na qual até a minoria católica tinha poucas defesas legais no ambiente dominado pelos protestantes.

Inspirado pelo filósofo inglês John Locke, pai do liberalismo moderno, Jefferson buscou conhecimento sobre o islamismo para solidificar suas ideias sobre a tolerância religiosa, mesmo sem jamais ter encontrado um muçulmano.

Em seu livro, Spellberg destaca que a extraordinária qualidade visionária de Jefferson e de outros “pais fundadores” foi defender os direitos de um muçulmano “imaginado e futuro”, algo que consideravam crucial para promover a universalidade dos direitos americanos.

A campanha de Jefferson o levava a redigir o Estatuto de Liberdade Religiosa da Virgínia, em 1876, que antecipou a separação entre Estado e igreja incluída na Primeira Emenda da Constituição. Sua importância na história americana é celebrada em Washington pelo imponente Memorial a Jefferson, um edifício arredondado de arquitetura neoclássica às margens do rio Potomac.

REALITY SHOW

Corte para 2015. Dono de uma fortuna declarada de US\$ 9 bilhões (cerca de R\$ 35,4 bilhões) e com a experiência televisiva acumulada como apresentador de reality show, Donald Trump nada na corrente do medo anti-islâmico para liderar com folga a disputa entre os pré-candidatos republicanos à Casa Branca. Visto inicialmente como uma curiosidade passageira,

começa a ser levado a sério.

Em seus comícios, Trump gababa-se sem parar dos bilhões que fez com seus cassinos e empreendimentos imobiliários, com frases de efeito que parecem tiradas de seu antigo programa na TV, “O Aprendiz”. Mas um pouco de conhecimento da história do país não faria mal.

“Ninguém espera que Donald Trump ou qualquer outro candidato se torne um novo Thomas Jefferson. Mas precisamos exigir desses aspirantes à Presidência um nível mínimo de conhecimento geral. Não é pedir demais”, escreveu o cientista político Louis René Beres, da universidade Purdue.

LIBERAL

Qualquer previsão é prematura. Ainda falta quase um ano para a próxima eleição presidencial, e as primárias dos partidos ainda nem começaram. Mas é curioso observar que, enquanto a escalada xenófoba de Trump tenta atrair a porção mais conservadora do eleitorado, a sede do governo federal onde ele quer se instalar é um bastião de liberalismo. Aqui, o bilionário jamais venceria.

A capital costuma ocupar o primeiro lugar no ranking das cidades mais liberais dos EUA e também em categorias específicas, como a mais amigável a gays.

Em fevereiro, tornou-se um dos cinco lugares dos EUA onde o consumo de maconha é legal. Desde então, a fumaça dos baseados é o aroma predominante nas ruas da capital: segundo uma pesquisa do “Washington Post”, 57% dos residentes sentem o cheiro pelo menos uma vez por mês. E 45% dizem não ligar. ←

ARQUIVO ABERTO

MEMÓRIAS QUE VIRAM HISTÓRIAS

6 O último dos Fluxus

São Paulo, 1983



GUTO LACAZ

CONHECI BEN PATTERSON em 1983 quando ele veio a São Paulo, com uma delegação do grupo Fluxus, para a 17ª Bienal.

Ocuparam o térreo com desenhos, fotos, objetos e esculturas.

Era um ótimo conjunto de peças que ilustravam bem o espírito brincalhão e transgressor deste emblemático grupo internacional de artistas.

Em uma segunda visita àquela Bienal, fui surpreendido por três apresentações de performances que pareciam ter aguardado minha chegada para iniciarem.

Na primeira, Ben Vautier de joelhos, mergulhava seus cabelos crespos em uma tigela com tinta preta e depois os passava em um longo rolo de papel branco que ia desenrolando com os pés. No final o resultado era um longo e expressivo desenho acidental em um tapete de papel. Dizia que esta performance era uma criação de Nam June Paik, um dos mais conhecidos artista do grupo.

Em seguida, dirigia-se a um piano de armário já bem detonado.

Com um martelo, iniciava o pregar das teclas. Repetia a ação tecla por tecla, deixando expostas as cabeças dos pregos e, de vez em quando, dizia: “This is not a good hammer!” (esse não é um bom martelo). Jogando o martelo

de lado, trocava-o por outro melhor. No final todo o teclado estava pregado! Um intrigante objeto, um desconcertante concerto.

Em outro canto, Wolf Vostell tomava, de um grande saco cheio, lâmpadas incandescentes leitossas queimadas, atirando-as uma a uma sobre um vidro Blindex, encostado, meio inclinado, em um dos pilares do prédio.

Cada lâmpada explodia, produzindo uma pequena fumaça branca, enquanto os estilhaços se acumulavam no chão perto do vidro. Um lindo e criativo uso para lâmpadas queimadas.

Essas três performances foram três agradáveis surpresas e três importantes aulas sobre o que, afinal, eram as performances.

Em todas estavam presentes objetos: tigela, tinta, papel, piano, martelo, pregos, saco, lâmpadas e vidro blindex. Em todas havia um uso cênico inusitado desses objetos conhecidos.

Já havia visto José Roberto Aguiar tocar piano com luvas de boxe em 1979 numa arena na Pinacoteca, Hudinilson Jr. transar com uma copiadora em funcionamento, além da videocriatura de Otávio Donasci. As performances do Fluxus potencializaram o conceito e apontavam na direção que já seguíamos: a de criar cenas inusitadas e “nonsense” com objetos conhecidos ou construídos. Havia uma pauta, mas não necessariamente texto.

Dias depois, minha amiga Helena Hungria, que fazia a tradução simultânea para o grupo, contou-me que havia iniciado namoro com



Guto Lacaz com boneco elétrico, presente do também artista Ben Patterson

Marcus Leoni/Folhapress

um dos artistas — Ben Patterson.

Fiquei curioso em conhecê-lo e combinamos um encontro em meu ateliê na rua Pamplona.

Bonachão, Ben me presenteou com o jogo “O Lago” — uma caixa com oito sapos pequenos de brinquedo movidos a corda e um diagrama impresso em A4.

Ben reproduziu o diagrama no piso com fita crepe e orientou cada um de nós a ocupar um lugar no diagrama. Para cada um, deu um sapo. Na casa aonde cada sapo ia parar aleatoriamente, tínhamos de fazer uma onomatopeia ou realizar uma atividade. Muito divertido.

Em 1988, fui pela primeira vez a Nova York, e lá o casal já estabelecido me recebeu em sua residência. Na ocasião, ganhei um novo presente — um boneco elétrico todo desengonçado que Ben disse tratar-se de meu retrato. Ri e agradei a lembrança.

Fomos visitar dois artistas do grupo. Para um dei meu cartão e ele o colocou na boca e me perguntou se era para comer?

Achei meio forçado, mas achei Fluxus.

Durante o passeio, Helena ia me contando a história dos artistas e suas ligações com o grupo.

Hoje, Ben Patterson está novamente entre nós, para provocar e para ser homenageado por seus Brazilian friends. ←

NOTA: A mostra “Jogando com Ben Patterson” fica na galeria Bolsa de Arte, em São Paulo, até quarta (23), da qual participam Guto Lacaz, Paulo Bruscky, Cristina Barroso, Dudi Maia Rosa e Francisco Klinger Carvalho.